



meia posta

CARREIRA DE S. FRANCISCO



Viver a Cidade

Virgínia Fróis

Fazer nossa a Cidade

Viver será deslizar no tempo, nas referências que as paisagens produzem em nós, ficções, imaginações.

No acto de percorrer os lugares estabelecem-se conexões entre o real e as nossas memórias. Sentir o irregular das pedras que os nossos pés tacteiam com cuidado. Sobrepostas as pedras e os passos, o tempo e as vidas já vividas. Parar muitas vezes e olhar, um espelho que nos devolve a densidade de existir, o aqui agora.

Ver.

Como é que a cidade move o nosso pensamento e propõe um trânsito do visível para o invisível? O filósofo José Gil, falava a propósito do Livro do desassossego de Bernardo Soares (um outro) de uma névoa sobre as paisagens que nos permitem ver para além do real, como a nossa imagem num espelho nos permite aceder ao duplo que existe em nós.

Uma emoção breve, um pulo para o virtual. Por um momento breve o passado e o futuro agora. Emoções... um ver para além de. Por um momento uma visão interior. Pensamos com visões? *

(*) A partir da frase final O artista pensa com visões. José Gil Colóquio "O dia Triunfal de Fernando Pessoa" FCG, 03/2014



“... tive, vá lá, o privilégio de morar mesmo em frente ao portão do União. Tinha ali um posto de observação privilegiado porque via os jogos de casa e toda a movimentação que havia na rua. Na carreira de S. Francisco viam-se com frequência umas senhoras de idade a vender tremoços, pevides e ervilhanas ali junto à bilheteira do União (...). Uma das coisas melhores que me podiam dar, quando eu ia à bola, era poder comprar um suspiro, dois suspiros ao sr. Reinata. Os suspiros do sr. Reinata pareciam quase pães de meio quilo e que eram uma delícia, e a semanada, que rondava os cinco tostões, dava para comprar dois suspiros e era uma festa.”



Carreira de S. Francisco,

sessenta e tal anos atrás.

Victor Guita

Durante algum tempo, habitámos num dos primeiros prédios ali construídos, mesmo em frente do portão em arco do velho Estádio.

De um lado e de outro da nossa casa, havia muros e campo. Defronte do cemitério, estendia-se uma pequena seara, atravessada por veredas. Do lado oposto, nas proximidades do Calvário, funcionava a oficina dos segeiros. Ali passámos longas horas a admirar os Serras, conhecidos ferreiros e construtores de segas e carroças. Horas a fio, ali estavam eles a malhar ferro na bigorna, a atizar o lume, a regar os aros de metal para a ferração das rodas de madeira.

O local onde morávamos permitia-nos também testemunhar a derradeira viagem de muitos conterrâneos nossos. À distância de mais de meio século, ainda permanece tudo nitidamente gravado: o ruído ronceiro da carreta que transportava o caixão, o choro

mais ou menos contido de familiares e amigos, a passada lenta dos acompanhantes, o talam-talam langoroso dos sinos de S. Francisco.

A rua arborizada foi também percurso de muita fé e de muita esperança. Basta pensar nas longas e devotas procissões ou nas promessas a N^a Sra da Visitação.

Aos domingos, passavam pares de namorados em direcção à velha ermida. Dizia-se que iam dar nós, com a mão esquerda, nos arbustos do caminho. Dava sorte, segundo julgavam os amantes. Aqui para a gente, que ninguém nos ouve, iam trocar beijos e abraços e sabe-se lá mais o quê.

O passeio cimentado da Carreira de S. Francisco foi o primeiro ringue de patinagem de muita rapaziada. Os mais medrosos ou desajeitados amparavam-se aos muros do Estádio e aos troncos robustos dos plátanos.



Em tempo de feira, a viçosa alameda era corredor de passagem para o nomadismo dos ciganos, para as carripanas dos feirantes e para centenas e centenas de cabeças de gado.

Ligada ao complexo desportivo, junto às bilheteiras, situava-se a Balança Municipal. O encarregado era um tal Casimiro, fiel do mercado, a quem alguns apelidavam de Pécuré. Enquanto pesavam e não pesavam os porcos ou os borregos, a rapaziada saltava lá para dentro e improvisava umas touradas. O grande perigo vinha dos carneiros, que eram capazes de arrombar uma porta ou um frágil muro à cabeçada. Eram terríveis e traiçoeiros aqueles arietes!

Desloquemos agora o nosso olhar para o interior do Estádio 1º de Maio.

Em dias de jogo, era notória a rara assistência feminina. Apenas certas namoradas ou esposas de jogadores e um outro grupo aguerrido de mulheres que, esse sim, dava nas vistas. Algumas compareciam vestidas de alvi-negro, a torcer pelo seu União. Para onde ia a equipa, lá iam elas, as incondicionais unionistas. Algumas chegaram a alinhar em excursões de carroça, debaixo de chuva, para ver o clube do coração.

Nas bancadas ou no peão, ressaltava a presença efusiva, às vezes enfurecida

dos adeptos mais ferrenhos. Vamos embora, União!

No tempo invernos, era particularmente penosa a tarefa do guarda do campo. Impressionava-nos o modo hercúleo como tinha de arrastar os pesados rodos para manter liso o terreno. Chegada a Primavera, quando a erva daninha começava a tomar conta do rectângulo, soltava meia dúzia de borregos no terreno de jogo, que substituíam um qualquer corta-relva, na perfeição.

Já agora, um apontamento para o União, o cão da casa, também ele malhado de preto e branco e que era um talismã para o clube. Dia de jogo em que o cachorro atravessasse o campo, era vitória assegurada.

Domingo sim, domingo não, a Carreira de S. Francisco apinhava-se de gente que fazia filas junto às bilheteiras ou ao portão, sob o olhar dos guardas a cavalo. Nos passeios, instalavam-se mulheres a vender castanhas, tremoços, pevides, cavalinhos e outras guloseimas. Viam-se também alguns aguadeiros e o popularíssimo vendedor de suspiros.

Ficam aqui estas pinceladas soltas acerca da velha Carreira de S. Francisco.

Convento de S. Francisco

Ruínas que respiram história



Segundo os historiadores Pinho Leal e Túlio Espanca, o mosteiro teve origem na ermida de N.ª Sr.ª da Graça em 1495. Integrado na Seráfica Ordem Franciscana, ignora-se a data exacta dos seus alicerces, que alguns cronistas concretizam com carácter regular, no séc. XVI, no eremitério de N.ª S.ª das Graças. O depoimento escrito mais antigo que se lhe refere é um alvará de D. João III, de 1532, autorizando que o administrador das Capelas Régias, Diogo Lopes, conceda ao Padre Provincial da Ordem, fr. Francisco de Évora, uma esmola do dinheiro que se achava em depósito, para se dar início ao claustro do convento. Deste reinado, parece ser a maior parte do edifício, conforme se verifica pelo exame da sua arquitectura, sobretudo nas partes mais antigas – corpo da nave, capelas primitivas da banda sul (obstruídas) e sala capitular. No dia 23 de Abril de 1577 o alcaide-mor D. Fernão Martins

Mascarenhas, deu solenemente à comunidade, uma relíquia preciosa da cabeça do Apóstolo S. Filipe, concessão que, pela concorrência de fiéis em veneração periódica, deu origem à feira anual da povoação. A Feira de Abril, como era chamada, foi durante vários anos a principal feira montemorense.

A comunidade regular era governada por um guardião e habitada por dez religiosos de hábito e três leigos.

A igreja, que está voltada para a banda ocidental, compõe-se de uma só nave de planta rectangular, contrafortada, protegida de gigantes decorados por gárgulas de granito, com bestiários de especial rudeza escultórica, de inspiração antropomórfica e rematados por pináculos piramidais ou de ornatos de secção piriforme, de alvenaria. O pórtico-coro, do séc. XVII, aberto em vão de arcada plena, deixa bem visíveis os botaréus angulares da



primitiva frontaria; o mesmo arco, muito ancho, é composto de pilastras guarnecidas de ornatos octogonais, estucados, e cornija lobulada, posterior. Frontão de enrolamento com grande tabela barroca das armas dos Patriarcas S. Francisco e Santa Clara de Assis, além de fogaréus nos acrotérios, muito engalanados, terminam a cimafrente. O alpendre, vasto e ainda do séc. XVI, está apoiado numa cobertura de nervuras de aresta viva, também de alvenaria, rompentes de mísulas graníticas, singelas; tem, no alçado norte, vestígios de opulento arco redondo, que denuncia a entrada da antiga capela da venerável "Estação da Via Sacra".

Curioso portal do estilo Renascença, emoldurado e datado no lintel, de 1546, é ornamentado, lateralmente, por duas altas pilastras truncadas, igualmente graníticas, em forma de volutas palmares, nascentes de capitéis estilizados, da ordem coríntia. Sobrepujante, nicho vazado posteriormente no roço da frontaria, destinado ao padroeiro e hoje vazio, moldurado com ornatos de estuque e envolvido por composição dourada.

Nos prospectos envolventes da portada, subsistem duas cruces de cerâmica azul e branca (séc. XVIII), de uma Via Sacra, e a Cruz da Ordem de Malta, de secção discoide, de pedra. Teve grande efígie parietal do "Senhor

Jesus dos Aflitos", culto ulteriormente transferido para a demolida ermida do mesmo título, que se situava defronte da fachada principal da igreja.

O corpo anexo do templo para o lado norte, destinado a Portaria e Hospedaria de peregrinos, está muito arruinado. Defendido por botaréus de alvenaria, tem dois pisos abertos por janelas vulgares, de granito, com repisas externas, salientes, destinadas, certamente a exposição de vasos. Nesta banda e sensivelmente recuado, rasga-se o corpo do claustro e suas dependências, que teve início na década de 1530. É lançado em planta quadrangular, com arcada redonda de cinco tramos atarracados, protegido por gigantes que escoravam o andar superior, actualmente perdido por total desmoronamento. Encontra-se arruinado e o lanço ocidental, de acesso ao refeitório, do mesmo modo desaparecido. Obra de arquitectura regional populista, de fins da Renascença, sem precauções monumentais esteve, porém, com os vestígios acentuados denunciam, nas abóbadas, nervuradas, recoberto de composições esgrafitadas e pintadas a escaiola colorida e também de fresco, com temas geométricos, largas albarradas e lançarias florais, barrocas, que fizeram escola na vila e de que o mais perfeito exemplar



existente é o templo dominicano da saudação (séc. XVII). Os nervos, encruzados e de aresta viva, de tijolo, sem chaves, nascem de mísulas cilíndricas, de pedra, molduradas.

A ala mais nobre do claustro – do oriente –, onde se rasga a sala do Capítulo, que foi sepulcro da família Vila Lobos e Vasconcelos, é contrafortada por cantaria de granito. Deste mesmo material é a formosa portada do estilo híbrido manuelino-joanino, de arco lobulado e abatido, com três ribetes de meias canas lisas e o axial torso, com bases encordoadas e flordelizadas, de capitéis, formando cordas entrançadas, bolas e outros elementos afins do mesmo estilo. A dependência, de planta rectangular, com tecto polinervado guarnecido de bocetes redondos, esculpidos com florões naturalistas e a chave central de escudete liso (ou picado intencionalmente), de forma primitiva e cercadura de corda, tem nervos de alvenaria e mísulas graníticas. Perdeu o banco da comunidade, mas conserva o antigo e original revestimento azulejar, de alizar muito alto, de padrão enxequetado, a cor azul e branca, do último terço do séc. XVI. No fundo e eixo da sala, rasga-se uma interessante capela edicular, também de pedra e arco de querena, de reflexos mudejares, com molduras, colunelos e capitéis ornatados por

atributos flóricos, capulhos planturosos, cordas e bolas da arte manuelina. Não tem hoje altar, mas guarda nas paredes laterais, silhares de azulejos policromos, do tipo de tapete, e um curioso frontal de altar de cerâmica seiscentista, decorado por aves, flores exóticas e outras indígenas – patos, gafanhotos, gazelas, etc. – extremado com barra de serafins, arabescos, vasos e moldura de renda (séc. XVII – meados).

No mesmo alçado do edifício, subsiste outra portada granítica, de chanfradura quinhentista.

O corpo sobranceiro, a ocidente, de arquitectura mais modesta, conserva uma adulterada capela anichada contra a parede do subcoro da igreja, disposta em dois tramos e de cobertura nervurada, em cujos panos se identificam temas esgrafitados, com medalhões dos “Passos da Paixão de Cristo”, maltratados a ponto de ser impossível a sua classificação artística. No convento, segundo as crónicas, existiram, ainda, os altares de “N^a S^a da Conceição” e de “S. Filipe”.

Contíguo, fica o refeitório monástico. Beneficiado na década de 1950 a expensas da Câmara, assim como o “Capítulo”, é obra fruste e provinciana disposto em planta rectangular de duas naves e quatro tramos de abóbada artesonada, singela, apoiada



em pilares graníticos (dois cilíndricos), decorados por capitéis lisos e ábacos volumosos de particular rudeza.

No centro da quadra, subsiste o poço de pedra, envolvido por tanques de grossa alvenaria, com bancos e alegretes esgrafitados, em franca ruína. No pavimento das alas do claustro, existiram algumas sepulturas antigas, que infelizmente se perderam.

O campanário, de três olhais, muito ornamentado por obra de alvenaria escarolada, pujante de volutas, molduras e fogaréis, lembrando as espadanas andaduras, levanta-se na ilharga setentrional da igreja e apenas conserva um sino grande, de bronze fundido, com legenda rebordada em duas linhas e cruz florente, relevada.

DOMINE + ECCE + CRUCEM + FVGITE +
PARTES + ADVERSAS + FACT + ANNO +
DOMINE + 1764 + PRES + R + P + + F +
IOZEPH +

Relativamente moderna é a parte ocupada pelo necrotério do Cemitério, do lado oriental, com pavilhão de alvenaria aberto por portas e janelas de padieiras graníticas, vulgares, de características singelas do seiscentismo. O balcão principal era de sacada. Algumas salas térreas, com tectos de barrete de clérigo, sob fortes camadas de cal, deixam antever, subjacentes, composições de pinturas a fresco, engrinaldadas e coetâneas.

O templo de "S. Francisco", alongado, dispõe-se numa só nave composta de cinco tramos e coro, de planta rectangular e abóbada de artesonado ainda dentro da tradição ogival, com nervuras de alvenaria de aresta boleada, ornadas de chaves-mestras circulares, de granito, estas com esferas armilares e escudos de armas da Casa Real Portuguesa, e as intermediárias de elementos flóricos, naturalistas. As mísulas, de secção prismática, em obra grosseira também de pedra, conservam decoração da arte manuelina. Trabalho de feição regional, de alvares do reinado de D. João III (década de 1530), arcaizante, mas de certa dignidade de volumes arquitectónicos, nos panos intervalares dos aranhaços mostra, na usança dos mestres alvanéis eborenses de quinhentos, os clássicos lintéis de massa fingindo ligação de cantaria, para imprimir maior robustez à construção.

*Augusto Mesquita
in Folha de Montemor, Novembro/16*



Guilhermina Antónia Cara-Linda

74 anos

Quiosque do Tátá

Não existia nada, era tudo farrejal. Eu estou aqui desde 1988, quando foi feito o quiosque, este quadradinho aqui que é meu e do meu marido.

A rua de S. Francisco, eu lembro-me melhor da Avenida para cá. Esta estrada calçada que vai agora aqui, dantes não era avenida, era uma azinhaga. Uma azinhaga é uma estrada de terra batida, daquelas estradas de campo.

Era assim, uma azinhaga até à Nossa Senhora da Visitação. A gente íamos a pé, eu fui lá muita vez a pé por essa estradinha que

depois mais tarde foi removida e agora está como está, isto já há muitos anos. Eu ia lá só por gostar de ir, era um passeio.

Este sítio até lá ao cima era um farrejal, onde as pessoas semeavam cevada, trigo, favas, não existia nada disto aqui nessa época. Até mesmo aqui a estação das camionetas não existia nessa altura, era tudo farrejal.

(A estação de camionetas) foi o primeiro edifício mais chegado à azinhaga. Já havia o cemitério que tinha um muro mais baixinho e estava aberto sempre, nunca fechava o cemitério. Aquela igreja



de São Francisco ainda me lembro de ter ido lá assistir a uma missa e já estava muito deteriorado.

Nos claustros do Convento, antigamente os lixos eram apanhados por carroceiros. As pessoas deixavam o baldinho do lixo, ou o caixote do lixo, à porta e eles vinham recolher e depois as mulas e as carroças com que eles trabalhavam iam ficar além no Convento de S. Francisco.

A Rodoviária foi inaugurada em 1968, a seguir isto foi aumentando, foram fazendo casario pouco a pouco. Aqui era para os senhores que eram choferes da rodoviária, esta correnteza, a rua 25 de Abril. E depois este casario foi todo feito mais tarde, talvez em 1970.

Os terrenos eram de algum senhor, não sei de quem eram, eram só de uma pessoa, não sei precisar porque não ligo.

As piscinas também foram feitas talvez aí em '56. Foi onde esta rapaziada dos 40 anos, todos aprenderam a nadar. Primeiro foram feitas independentes, eram do Dr. Vacas, ele tinha aqui o externato Mestre de Avis, aqui onde é o Centro Juvenil. Portanto as piscinas eram dele, foram feitas privadas, eram dele e da família dele. Depois mais tarde no 25 de Abril é que aquilo foi entregue, não sei como é

que foi, e depois já era para a população de Montemor.

O bairro do lado de lá da avenida foi construído pouco antes do 25 de Abril, a rua já era calcetada, vinha do largo do Calvário. A rua foi sempre a carreira de S. Francisco. As piscinas foi a primeira coisa que fizeram ali e o Externato Mestre de Avis que era para onde iam os meninos ricos estudar, era uma escola privada.

O convento é muito mais antigo. O estádio da bola já está ali desde 1914 e foi sempre ali, era tudo térreo.

Estes quadrados aqui à frente fizeram antes do quiosque mas não sei com que intenção - era um arquitecto qualquer que aí estava, andava a gastar o dinheiro que não era dele e então gastou-o de qualquer maneira. É assim.



José Adriano Canastro

73 anos

Ainda me lembro disto aqui ser um olival, ser um farrejal, de semear aqui favas.

Havia ali o Sr. João Escudeiro que tinha esta parte aqui toda. Vinham uns tipos de Alcains, vinham para aqui (para a calçada) fazer as pedras que eram para a casa do povo, para os bombeiros, isso tudo. Era o granito, iam para o campo, batiam com uns escopos, faziam um buraco, metiam pólvora, depois abalavam, davam tanto tempo para aquilo rebentar e iam buscar as pedras. Aqui trabalhavam a pedra, trabalhavam aqui na rua.

Esta sempre foi a minha casa desde os meus 15 anos. Antes vivia numa casa ali em baixo que era do meu tio Zé Nabo e depois passei ali para um cantinho, umas casas melhores, que eram do Sr. Joaquim e João Escudeiro, que era pai desses canteiros que vinham aí.

Todas estas casas e aquelas ali do Zé Brito foram feitas ao mesmo tempo da minha. A Câmara vendeu os terrenos e eles compraram para construção. Você sabe quanto é que custou este terreno? 9 contos. Estas casas depois de prontas ficaram a 60 contos. Isto há 60 anos.



Havia aqui uma pessoa que tinha um carro de praça e o meu pai tinha ali uma oficina de ferrador onde é hoje ali o frango. Havia aqui estes quintais, havia perus, havia gado aí à solta. Isto era um muro que ia ali desde a rodoviária, um muro como o do cemitério mas mais antigo e que foi todo derrubado.

Eu uma vez, além em S. João de Deus, mais 3 ou 4, corremos a igreja toda para roubar marmelos e uvas, corríamos a horta toda que era além. Era coisas engraçadas, podia-se brincar. Agora....

O Zé Cigano vendia gado onde é ali as bombas, onde é a Sacor, aquilo era uma cocheira de bestas. Muita coisa que havia aqui...

Quando a gente ia aqui para o Ciborro, a seguir ao monte do Vacas de Carvalho, que é do Toninho, ao lado direito há uma quinta com um muro azul e branco, havia aí um quiosque que era do velho Cigarro.

Ali em frente ao Calvário havia um urinol bonito, todo de ferro, foi tudo derrubado. Era mesmo usado, era da Câmara, mas depois começaram estas obras com o 25 de Abril e lixou-se tudo. Mas fez-se muita coisa boa, o Parque Urbano foi das melhores coisas que fizeram, é pena estar abandonado. Vão para

ali cães, é cocó de cão por todo o lado. É que não se pode para ali ir.

A cadeia. Quando vim para cá aquilo já lá estava. O carcereiro era o Fialho e era guarda. E além naqueles buracos compridos era o 'segredo', para onde iam os tipos mais perigosos. E na varanda morava o carcereiro por cima e por baixo era a prisão. Hoje é o arquivo da Câmara. E houve ali um gajo que era pinceleiro.

Aí há uns anos largos fugiu de além um preso, atou os lençóis ao telhado e fugiu pelo campo. Onde é hoje as piscinas e o campo de futebol, aquilo era tudo campo.

A vida tem tantas passagens. Uma vez fui além ao pé do Zambujal, além na estrada de Évora, fui lá ferrar um gado. Quando dei por isso vinha-me um cão daqueles mesmo para os lobos, pretos, com a coleira com picos. Eu era novinho, tinha 13 ou 14 anos, quando vi aquilo marimbei-me na bicicleta e nas ferramentas e vim para Montemor a pé.

Então a festa aqui é quando? Vamos lá ver que eu não bebo.



Fernando Cortiçadas

43 anos

Snack-bar “Pólo Norte”

Eu tinha um ano quando vim para aqui. O meu pai vem para aqui abrir o café, abriu o café no mesmo dia que abriu a rodoviária. O café tem 42 anos, serviu desde 1974.

Aqui o serviço era essencialmente de expressos, as pessoas viajavam de autocarro porque não havia tantos carros como há agora.

Eu ainda me lembro do comboio lá em baixo, mas era mais usado o serviço de expresso, mas não tenho a certeza, foi há muitos anos. Mas

basicamente a minha vida foi aqui dentro, brincávamos aí onde é o quiosque, nesse bocadinho de terra, o quiosque não existia. Faziam-se aí fogueiras, na altura das fogueiras dos santos. Vendíamos rifas para se conseguir arranjar dinheiro para comprar umas sardinhas, andávamos de porta em porta a ‘enganar’ as pessoas - fazia-se isso para no dia da fogueira se conseguir comer umas sardinhas assadas... miúdos. Eram miúdos aqui do bairro.

Nessa altura já estava o bairro como está hoje, este primeiro bairro que acabava ali na prisão.



Luís de Carvalho

54 anos

Eu lembro-me de uma vez, era miúdo, e havia aí a 'quadrilha do Zé Rato', eram pessoas que roubavam para comer e dar comer aos filhos. Esse Zé Rato esteve preso nessa cadeia. Eu era miúdo, devia ter os meus 7, 8, 9 anos e morava no único bairro que havia lá em cima, o da Nossa S^{ra} da Visitação. Lembro-me de ver esse homem, estava eu a ir para casa, a pular o muro da cadeia e a fugir por um olival que ali havia e nunca mais ninguém o viu. Eu lembro-me porque vi.

Da piscina lembro-me que foi onde aprendi a nadar e vinha para aqui todos os dias enquanto isto funcionou. Até teve aí um ano ou dois em que a piscina não abriu derivado da água ser pouca. Nós éramos miúdos, estava calor, onde é que fazíamos piscina? Na ribeira, no rio Almansor.

A piscina. Eu quando comecei a frequentá-la já tinha os meus 10, 12 anos. Essas piscinas, no meu entender, a servir o público, podem ter estado uns 20 anos. Pagava-se e nós que éramos gaiatos fazíamos bicha no portão que está ali, em frente à sede do União, à antiga sede, aquele edifício de esquina. Eu fazia saltos mortais lá de cima. Ela tinha 5 metros de profundidade e da última prancha até à água iam uns 7 ou 8 metros, eu fazia lá saltos mortais, dava 2 ou 3 piruetas, uma vez caía de cabeça, outra de costas, era como calhava, não morri lá porque não calhou.

Depois ia para casa, no bairro de Nossa S^{ra} de Visitação. Quando se chegava da cadeia para a frente, havia uns arbustos de um lado e outro, mais ou menos com 2 metros de altura, mas não havia electricidade, aquilo era escuro. Eu, na altura, quando chegava à cadeia,



até minha casa, eram mais ou menos 300 metros, eu abalava a correr, não aparecesse alguém que me fizesse mal. Não havia mais nada, eram umas oliveiras dispersas, não era grande olival, é onde está a piscina (nova) e o campo de ténis – estou a ver aquilo tudo como era dantes. Às vezes vou ali à sede dos pombos e à conversa com algumas pessoas lembramos como era isto aqui e além.

Lembro-me onde havia um poço, onde havia uma moeira, um muro de pedra, o poço terminava numa pirâmide que é onde estão as piscinas. Chegou a haver aqui por trás, 3 campos de futebol para jogar bairro contra bairro, ali onde são agora as piscinas novas. Campos de futebol feitos por nós, improvisados, com balizas feitas de madeira. Eu participava numa equipa do meu bairro, contra o bairro de uns rapazes que moravam aqui perto, o

Zé Bico e o Mário Bico e mais alguns.

Havia aqui uma vereda onde é a Segurança Social, na diagonal vinha parar ao quiosque. As pessoas não vinham aqui como vêm hoje, não existia rodoviária. A rodoviária abriu em 74, eu tenho 54 anos. Quando apareceu a rodoviária isto começou-se a transformar, foi quando Montemor começou a crescer mais, o bairro da CHE, mais as casas de alguns emigrantes, ali a zona do campo de ténis começou a crescer aos poucos. Nas traseiras do Hospital de S. João de Deus não existia nada, excepto a fábrica da cortiça, entretanto apareceu aquele bairro.

São coisas da vida.



João Bastos

76 anos

Quando viemos para aqui morar esta rua era praticamente de passagem, uma rua simples, uma rua para funerais e para ir para o cemitério. Hoje não, está totalmente diferente porque há movimento, como em toda a parte do país, é automóveis e camionetas. Este Verão, por curiosidade, estive a fazer uma média dos carros que passavam aqui numa hora, e carros de um lado para o outro, passavam 200 carros.

O que era esta rua há 50 anos e o que é agora. A cidade terminava além junto à avenida, e depois tinha o cemitério. Também não havia habitações, estas todas aqui do lado surgiram depois e há uns 10 anos surgiu o empreendimento aqui do Grupo União Sport. As instalações do clube sempre foram aqui mas este empreendimento não

existia, nós já vimos a sede a ser construída.

Só havia um cemitério e os funerais eram todos feitos por esta rua. E lembro-me também dos jogos de futebol com uma assistência que não é nada comparado com hoje, eram muito mais pessoas e a entrada era mesmo aqui à nossa frente, num portão que tinha um arco que dizia Grupo União Sport Estádio 1º de Maio.

Quando morávamos aqui, a vida era diferente, as pessoas se calhar teriam menos possibilidades. Pediam-nos a nós se podiam ver o jogo de futebol aqui da varanda, então tínhamos sempre aqui clientes.

Do outro lado da avenida existia apenas o cemitério, o convento e a cadeia. Ali do lado esquerdo só depois é que foi feita a estação da Setubalense, a rodoviária era da



Setubalense, e depois começaram a ser feitos os outros prédios ali da Rua de Angola, começaram a evoluir, após o 25 de Abril também se fez muita coisa.

Nos anos 50, ali frente aos irmãos S. João de Deus, o meu avô tinha uma casa. Eu era pequeno, com 6 ou 7 anos, portanto eu lembro-me que perto dessa altura começaram ali a fazer umas coisinhas, umas vivendas, umas casitas. Foi a evolução de Montemor.

Estas árvores aqui da carreira devem ser centenárias, eu sempre as conheci. Os plátanos têm assistido aí ao tempo. Isto era tirarem daí as árvores, isto no Verão é acolhedor porque tem sombra, estacionam aqui todos os carros. Mas depois vem o Outono e o cair da folha, depois é os bugalhos, depois começam outra vez a nascer as folhas e é um foco de alergia que é uma coisa séria.

Até há uma coisa engraçada. Além na Ordem Terceira, junto ao cemitério, onde estão as Oficinas e os Escuteiros, morava gente. Havia uns rapazes que moravam além, eram os Catatões, e nós brincávamos com eles. Ficávamos um bocado receosos, porque eles iam para o cemitério, aquilo era completamente isolado, como é que não

tinham medo, enquanto garotos fazia-nos impressão. Moravam ali também os Pereiras. Isto era um sossego, vivíamos na ponta da vila.

Havia ali um canteiro, não era uma fábrica. Tinha 2 filhos, e trabalhava ali em frente ao Convento, faziam campas, perfis para as portas e janelas, essas coisas assim da arte deles. Na altura compravam muito mármore, ali ao pé do quartel dos guardas havia uma fábrica que depois foi transferida para a Adua.

Além onde é o Parque Urbano, aí costumavam ser searas, de um senhor que era agricultor, o sr. Marques dos Santos. A partir daí ia-se até à horta do Coxo, onde está agora instalado o bairro da CHE e faziam para aí culturas, estes terrenos eram todos aproveitados. Havia uns 20 ou 30 campos por aí. Nós éramos garotos, saíamos de casa com uns 7 ou 8 anos, mas os nossos pais estavam descansados porque não havia problema.



Sede dos Escuteiros

por Marta Silvério - Chefe do Agrupamento

O Agrupamento de Escuteiros de Montemor-o-Novo, está sediado numa parte do Convento de S. Francisco, na ala direita da Igreja, que pertence à Unidade Pastoral de Montemor-o-Novo.

Neste espaço com pequenas casas, com poucas condições de habitabilidade, viveram várias famílias acolhidas pela paróquia e que ali se mantiveram alguns anos até conseguirem melhores habitações. Eram casas com 2 divisões, que tinham um ponto único de abastecimento de água no pátio comum e onde chegaram a viver famílias de cinco e seis pessoas. Tinham várias árvores de fruto e um galinheiro num dos pátios.

O Sr. Padre Alberto Dias Barbosa era o responsável pelo espaço, o qual se foi degradando por falta de manutenção e, pouco a pouco, as famílias foram saindo, as últimas saíram nos finais dos anos 80.

No início dos anos 90 este espaço foi cedido para que os Escuteiros fizessem a sua sede.

As primeiras obras foram a construção de duas casas de banho no

pátio superior e a colocação de um telhado novo nas divisões à esquerda no pátio inferior. O agrupamento ocupou todas as divisões existentes e também parte do espaço do convento, a entrada norte e a capela capitular, anexa à Igreja de S. Francisco. Mais tarde, foi disponibilizado todo o espaço conventual sul, nomeadamente uma sala capitular que passou a ser a sala de reuniões do Agrupamento.

A construção de uma pequena cozinha e reaproveitamento das outras casas para as várias secções do Agrupamento, tal como espaço de arrumos, sala polivalente, secretaria, espaço para cada uma das Secções foram os passos seguintes, ajustando o espaço disponível à dimensão de cada secção e à utilidade que era dada.

Já neste século foi colocado um telhado novo na capela capitular, assim como foi adaptado um espaço anexo no pátio superior, transformando toda a área, no sentido de ser polivalente, perfeitamente adaptável e de mais fácil conservação.

A pouco e pouco, e com bastantes ajudas de pais, amigos e entidades oficiais, foi e vai sendo recuperado o espaço, tendo como principal preocupação manter e conservar.

Oficinas do Convento

por Tiago Fróis



Os espaços de oficina abrem-se à comunidade.

Do caminho feito desde 1996, com todas as pessoas que se aproximaram e adotaram esta ideia onde cedo se desenvolveram projetos coletivos ou pessoais, em várias áreas de criação, chega-se ao momento em que cada um é diretor das suas ideias e propostas, articuladas com um sentido comum, criando esta identidade. A OC é hoje um espaço de investigação plástica e tecnológica com portas abertas à comunidade para a concretização de ideias e contribuir para a construção de padrões de

qualidade de vida equilibrados e estruturados em novos (e velhos) modelos de desenvolvimento, utilizando muitas vezes “instrumentos poéticos” (discursos artísticos) na (re)valorização de patrimónios e na “construção de riqueza”.

Arquitetura em terra, cerâmica, fotografia, música, novas tecnologias, documentação, comunicação visual e edições, são áreas que neste momento têm programação continua.

Para a comunidade local projectos como A Escola e o Rio, Arquitectura e Espaço Habitado, desenvolvidos com a comunidade escolar e com



outras entidades locais têm aproximado à população acesso a experiências tecnológicas, plásticas e sociais.

Oficinas de tecnologias digitais e livre acesso à informação abrem janelas e contacto com comunidades DIY. O Hacker-Space, disseminado um pouco por todos os espaços oficinais da associação, tem afirmado a abertura deste espaço a qualquer pessoa com inquietudes artísticas e tecnológicas permitindo continuidade aos interessados por não se tratar de uma ação mas sim de um espaço aberto.

Com as parcerias estabelecidas acontecem momentos de colaboração muito importantes com universidades e centros de investigação académica que estão a permitir a participação de mais pessoas na execução dos projetos, e potenciando a geração de muitos outros, como desde a génese da OC.

Esta abertura tem sido mais um aliciante para a permanência de “novos montemorenses” que rapidamente encontram espaço para as suas propostas, adotando um espaço, talhando aquilo que será o “nosso” futuro.

OC abarca muitas linhas de conhecimento, que se diversificam segundo as pessoas que se

aproximam e aqui encontram espaço para desenvolver inquietudes. Assim, a OC integra inúmeras disciplinas que em se complementam e formalizam equipas transdisciplinares e a massa critica cresce com as novas colaborações. Na génese, e partindo de uma realidade com poucos recursos, a maior riqueza ou receita da associação foi o voluntariado, que em ambiente colaborativo sempre injectou grande parte da energia da associação, e assim se estruturou. Neste ambiente o “fazer um bocadinho de tudo” é essencial, e embora neste momento nos seja possível trabalhar mais “profissionalmente”, cada um na sua especialidade, é fundamental manter uma perspetiva horizontal que permita flexibilidade para agir nos tempos que correm.

Coisas acontecem como consequência umas das outras.

Todos os projetos se movem em torno de duas ideias centrais: património, seja legado ou produzido; e qualidade de vida.

Neste momento as áreas da cerâmica e arquitectura em terra estão a dar um importante salto e a afirmarem-se pela condições que estão a ser criadas no Bairro de S. Pedro, com a refuncionalização do espaço



dos lavadouros públicos, que estavam abandonados há mais de 20 anos, e melhorias significativas no Telheiro da Encosta do Castelo, que desde a fundação da associação foi e é um importante motor e base para muitos projectos. É o sítio de encontro de tradição e modernidade, onde se resgatam técnicas e descobrem outras para emprego em soluções contemporâneas.

A par dos projetos relacionados com o TEC, relevo a abordagem a novas tecnologias e ao mundo do Open Source, aproximando às comunidades locais, escolares e não só, conhecimentos tecnológicos e “filosofias do fazer”, ferramentas essenciais para excitar a proactividade no potenciamento de comunidades.

A aquisição de alguns equipamentos, como é o caso da impressora 3D e da máquina de corte laser trouxe a possibilidade de concretizar projetos e prototipar ideias, condensando desta forma um grupo heterogéneo de interessados que com continuidade podem seguir beneficiando destes recursos: estudantes, animadores de stop-motion, jovens com interesses diversos, projetos científicos ou artísticos,....

Agora trata-se de cruzar estas novas ferramentas com a terra criando novo “híbridos”. Integrar e

criar novas cadeias operatórias no sentido de encontrar soluções mais equilibradas. Na busca destas soluções está todo o trabalho de investigação científica e plástica que está por desenvolver, depois do que já se investigou e estruturou para tornar possível essa continuidade.

Viver a Cidade é o arranque para uma intervenção sólida e estruturada na cidade, dotando espaços públicos com equipamentos utilitários e de lazer, a desenvolver entre 2013 e 2016. Em 2013, aconteceram um conjunto de ações de carácter reflexivo, que estabeleceram métodos de agir e erguer: «Conversas à Volta da Resiliência e da Tenacidade» – discussão sobre os tempos que vivemos, numa perspectiva de mudança onde a criação permita avançar para novas conexões com o mundo global, ancestral e tecnológico; «Percorrer e Agir» e «Conhecer e Erguer», duas Oficinas que avançaram com ideias para a criação de coisas simples, pela via da experimentação, para aproximar as pessoas de diálogos com o local. Daqui nasceu um grupo de reflexão que avançou com proposta para a realização de um evento regular itinerante por espaços “a (re)animar”: “Mesa Posta”, que já resultou em 8 edições, em diversos espaços da Cidade, envolvendo outras



associações e entidades dos bairros onde decorreram. O Quiosque do Castelo surge também na sequência da resposta a necessidades existentes em locais específicos da cidade, criado e construído no contexto de uma oficina internacional de arquitectura em terra em conjunto com Touraterre, associação francesa vocacionada para a arquitectura em terra. Este processo foi aberto à participação da população local bem como outros agentes e entidades relacionadas com o património. Para uma próxima intervenção identificamos como necessidade a construção de instalações sanitárias que sirvam o trânsito de pessoas que circulam no largo de S. Francisco, local de encontro, paragem de excursionistas e utentes das Piscinas Municipais.

Pretende-se assim chegar a resultados concretos do processo de investigação e experimentação que a Associação tem vindo a aprofundar nos campos da Arquitectura e Design. Partimos do Património Histórico, Natural e Cultural, como plataforma laboratorial de estudo de novas abordagens e de modelos piloto de Desenvolvimento, que promovam singularmente a riqueza patrimonial local, promovendo métodos construtivos mais sustentáveis.

O programa e projeto de reabilitação da Igreja e Convento de S. Francisco existe e tem sido referência para pequenas obras de melhoria das instalações do convento para melhor servir a procura crescente de residências artísticas e maior abertura à comunidade. Esperamos num futuro próximo assistir às obra de requalificação destes imóveis para definitivamente salvaguardar este património devolvendo-o à cidade, uma janela aberta para a contemporaneidade no contacto com inquietudes tecnológicas e poéticas, potenciando a afirmação de Montemor-o-Novo no panorama internacional.



Sanitários públicos e circulação acessível no largo de S.Francisco.

O convento e a igreja de S.Francisco são edifícios emblemáticos da história da Cidade.

Neste espaço a circulação está condicionada pela presença de obstáculos não funcionais (tanques, “caixa de areia”, pinos de cimento, ausência de rampas acessíveis para passeios, acesso para Arquivo Municipal e Convento de S.Francisco não acabado, de terra batida bastante inclinado e acidentado).

O largo de S.Francisco é um local de passagem, encontro e descanso, com bancos junto aos canteiros e um quiosque (Tátá) com bastante movimento, local e transeunte. É também zona de paragem de muitas excursões pela proximidade a vários estabelecimentos de restauração e ainda zona de paragem de

pesados de passageiros para embarque e desembarque de utentes das piscinas públicas.

Os sanitários mais próximos, a cerca de 300m e com um parque para estacionamento de pesados adjacente, estão integrados no Parque Urbano, embora não existam os serviços procurados por ser de visita fugaz (restauração vocacionada). Não existe qualquer sinalização da sua existência junto ao Largo de S.Francisco.

A estação rodoviária tem horário muito limitado e é de domínio privado.

Os recantos nas imediações deste largo têm sido socorro para os que após uma extensa viagem ou simplesmente por já terem ingerido algumas cervejas, necessitam exercer necessidades fisiológicas.

**+ Mesa Posta nº.9 +
Dezembro + 2016 + 1ª ed. + 200ex.
edição e recolha de conteúdos:
Oficinas do Convento + ed.gráfica e
fotografia: Miguel Rocha + texto e
fotografia: Folha de Montemor +
Agupamento CNE 894 + Pedro Grenha
+ Vitor Guita + Manuel Giga Novo +
Nuno Grenha + Tiago Fróis + Isabel
Coelho + Caetana Serodio +
Guilhermina Cara-Linda + José A.
Canastro + Fernando Cortiçadas +
Luis de Carvalho + João Bastos
colaboraram: Nélia Martins + CMMN
+ + + + +**

**Município de Montemor-o-Novo
e Oficinas do Convento
Impressão e acabamento:
Oficina de Impressão - OC + CMMN**

**+
Oficinas do Convento-associação
cultural de arte e comunicação Carrêira
de S. Francisco+Convento de S. Francisco
7050-160 Montemor-o-Novo++++
oc@oficinasdoconvento.com
www.oficinasdoconvento.com
viveracidade.oficinasdoconvento.com**

Mesa Posta

Nas zonas rurais de Montemor-o-Novo, quando chegava o Carnaval, as pessoas punham a mesa. Em cada casa enchia-se uma com comida e bebida, e durante dias, por vezes a semana inteira, a porta aberta recebia os visitantes. As pessoas andavam de aglomerado em aglomerado, de monte em monte, visitando amigos e familiares, encontrando outras pessoas, sempre em volta da mesa posta, de enchidos, doces, pratos tradicionais, vinhos e licores locais. Os acordeões e as gaitas acompanhavam as danças, as conversas, os reencontros e os caminhos. Era a altura de dar tempo para visitar e descontraír, com o inverno no fim a primavera abria porta. Com as transformações que o mundo rural sofreu, com a perda de população e alterações nas actividades agrícolas, este hábito foi caindo em desuso, e hoje em dia já não se faz. Sendo uma prática em relação à qual há bastantes memórias, e havendo um grande carinho daqueles que viveram as mesas postas, vamos procurar novos significados e contextos para o dar, oferecer a mesa e celebrar.



viveracidade
INICIATIVA DE VIVERACIDADE, TERRITÓRIO E SERVIÇOS

Iniciativa



estrutura financiada por



em colaboração com



enquadrado na

